

## A VISÃO DA “MODERNIDADE LÍQUIDA” DE BAUMAN E A PERSPECTIVA ATUAL DO TRABALHO

Luiz Oliveira da Silva  
João Paulo Cristaldo  
Naiara Priscila da Silva

**RESUMO:** Se tratando da visão da “Modernidade Líquida”, trata-se além de um dos livros mais influentes em termos acadêmicos e na dita filosofia cotidiana nos últimos tempos, tornando seu escritor o filósofo Zygmunt Bauman, também é um dos estudiosos mais influentes do século XX, muito pela análise pormenorizada e cirúrgica sobre a sociedade dita “líquida” e consumista que vivemos nesses tempos ditos modernos. As corriqueiras inovações tecnológicas, as relações sociais e até do trabalho são tratados atualmente como progressos desse mundo global, o que O Estado fraco e descredita se tornou uma espécie de corroborador do capital, dando sinais e implementando políticas que “ajudem” no fomento ao “livre mercado” e o tal enxugamento estatal e sua consequente inexequibilidade se tornam pontos fomentadores de um contexto em que as corporações capitalistas tomam conta dos destinos das nações. A questão do trabalho permanece como parte do estilo de vida humano, que em tempos “modernos” foi cada vez mais se ajustando as necessidades da sociedade. E na contemporaneidade entendemos que o trabalho tem a ver com o progresso presente e na potencialização do futuro, mesmo que de cunhos negativo ou positivo. A crença nesse “progresso” é de cunho utópico, visto que, para tanto, é de abordagem conjecturada ou podendo ser vista epistemologicamente, o que em suma não nos dá base consistente mesmo que fervorosamente exista defesa de ideias positivas. Assim, todos nós viramos produto, produto dessa sociedade efêmera, esquecida, volátil e líquida. No tocante ao trabalho, ligado a sociedade, podemos destacar questões como a desigualdade econômica, a forma política onde não se alcança todos na sociedade, a forma pejorativa onde o trabalho é tratado refletido na mão-de-obra barata atingindo negativamente a qualidade de vida do ser humano, as abordagens que o conceito de trabalho nos apresenta é um leque de significados, no qual podemos associar, refletir, indagar, e externar pontos que ainda precisa melhorar, questões essas, que não são limitadas, pois é Por isso, a visão “líquida” em questão se torna tão latente nos dias desse século XXI sendo um norteador dos processos no entendimento das relações sociais, na produção acadêmica, na vida cotidiana, na economia e, sobretudo na política, que se apresenta cada vez mais como um parceiro das más notícias e opressões oriundas do capital, que muito embora não seja como a água potável ou o oxigênio que sem eles a raça humana não sobreviveria, mas para muitos tem importância igual ou superior a eles. Em suma, é de extrema importância para percebermos a lógica mundial desse consumismo que vivemos nos dias pós modernos do nosso século XXI.

**Palavras- Chave:** Modernidade Líquida. Bauman. Capital. Estado. Sociedade. Progresso.

## INTRODUÇÃO

Em se tratando de “Modernidade Líquida”, trata-se de um dos livros mais influentes em termos acadêmicos e na dita filosofia cotidiana nos últimos tempos, tornando seu escritor o filósofo Zygmunt Bauman, um dos estudiosos mais influentes do século XX, muito pela análise pormenorizada e cirúrgica sobre a sociedade “líquida” e consumista que vivemos nesses tempos ditos modernos. Sobre Bauman me utilizo de uma referencia feita pelo jornal ”El País” que disserta:

Durante mais de meio século, foi um dos mais influentes observadores da realidade social e política, o flagelo da superficialidade dominante no debate público, crítico feroz da bolha liberal inflada por Reagan e Thatcher nos anos 1980 e que estourou mais de 30 anos depois. Retratou com agudeza o desconcerto do cidadão de hoje diante de um mundo que não oferece seguranças às quais se agarrar. Referia-se ao novo proletariado como “precariado”, com a diferença de que não tem consciência de classe. Figura muito respeitada pelos movimentos de indignados do novo século (do 15 de Março espanhol ao Occupy Wall Street), ele entendia seus motivos e se interessava por suas experiências, mas apontava suas debilidades e incongruências, convencido de que é mais fácil unir no protesto que na proposta. Desconfiava do “ativismo de sofá”, que quer mudar o mundo por meio de cliques, e relativizava o poder que se atribui às redes sociais, porque pensava que o verdadeiro diálogo só se produz nas interações com os diferentes, e não nessas “zonas de conforto” onde os internautas debatem com quem pensa igual a eles. (QUEROL, Ricardo, 2017).

Assim, podemos entender a importância desse livro em que iremos dissecá-lo em sua temática sobre trabalho trazendo nossas impressões por um texto extremamente importante para percebermos a lógica mundial de consumo que vivemos nos dias do nosso século XXI.

## TRABALHO E PROGRESSO

Na questão temática sobre “Trabalho”, é preciso entender os conceitos que são tratados pelo autor Zygmunt Bauman no seu intento em explicar como é percebido o Trabalho nessa lógica “líquida” que permeia todo o livro.

Considerando a importância da temática em questão, passamos e discorrer elementos e fatores relevantes frente ao assunto, sendo assim, de forma primária, destacamos aspectos relevantes para objetivar a temática. Para tanto, é válido frisar questões como: Pré-História, que

de forma precisa destacamos o trabalho que em livros como “Vontade de aprender história” (PELLEGRINI, Marco César, 2015) . destaca a dinâmica do paleolítico, entendendo que cada sociedade tem sua singularidade e especificidade, no entanto, a questão de cunho histórico sobre esse período é estudado de forma criteriosa, visto que para tamanha tarefa precisa-se dos devidos cuidados, como abordagem amplificada, nesse sentido, entendesse que do Paleolítico foi se estendendo para o neolítico e posteriormente na idade dos metais, onde cada momento da história vai dando variações comportamentais no que se refere ao ser humano relacionado ao trabalho.

Os estudos históricos nos apresentam que o estilo de vida do homem foi se modificando ao longo do tempo, visto que na pedra lascada, onde a forma de trabalho é vista em suma um tanto precária, assim desenvolvendo para o período da pedra polida onde os instrumentos de trabalho vai se aperfeiçoando na idade dos metais, que parafraseando entende-se como a função desses instrumentos sobretudo na atuação do trabalho, civilizações oriental como Egito é destacada pelas suas estruturas monumentais, onde visivelmente denotava-se um trabalho notório e suas relevâncias, quer seja de cunho religioso, ou processo urbano.

Nessas fontes históricas, amparadas pela Arqueologia e outras ciências relacionadas, externa o destaque que o trabalho representava para sociedade, considerando também que, mesmo na idade antiga do oriente ao ocidente, essa idealização e a busca do progresso no que se refere ao trabalho foram se desenvolvendo, que, com efeito, na idade média foi se estruturando que seja na questão urbana, ou no processo de interiorização na dinâmica feudal, e por outros meios de forma mais ampla e se consolidando cada vez mais em sua multiforme. “O conceito de trabalho está intimamente relacionado ao de cultura, pois as formas de trabalho são determinadas pelos padrões culturais que envolvem, por exemplo, as técnicas que uma determinada sociedade dispõe ou aquilo que seus membros consideram mais importante produzir.” (PELLEGRINI, Marco César, 2015).

Ainda no segmento histórico, destacamos que o trabalho permanece como parte do estilo de vida humano, que em tempos modernos foi cada vez mais se ajustando as necessidades da sociedade. E na contemporaneidade entendemos que o trabalho tem a ver com o progresso presente e na potencialização do futuro, mesmo que de cunhos negativo ou positivo. A crença nesse “progresso” é de cunho utópico, visto que, para tanto, é de abordagem conjecturada ou podendo ser vista epistemologicamente, o que em suma não nos dar base consistente mesmo que fervorosamente exista defesa de ideias positivas. Como diz Alain Peyrefitte: "o único recurso capaz de transformar um deserto na terra de Canaã é a confiança mútua das pessoas, e a crença de todos no futuro que compartilharão”.

O trabalho na zona política entra em destaque pelas suas multiformes, que seja no capitalismo, ou socialismo: Karl Marx, “que o ponto de partida da "grande transformação" que trouxe à vida a nova ordem industrial foi a separação dos trabalhadores de suas fontes de existência”. Porém, o elemento nesse sentido traz indagações como resultadas do trabalho em diferentes sociedades, pois o trabalho mesmo que em âmbito contemporâneo não anula a negatividade que se pode ter em questões futura, assim como as anteriores, onde o trabalho é visto em avanços tecnológicos, como também ferramentas de guerras. Tratando então, de continuidades e rupturas, trazendo em questão abordagens de futuros incertos, de expectativas que podem ser frustradas, como um trabalho de um cientista onde sua criação/invenção podem render resultados enobrecedores ou devastadores.

A primeira ideia posta sobre a ideia de trabalho nesse aspecto é o “presentismo” que é destacado por Bauman como um mal da nossa atual sociedade. O desapego aos valores históricos, morais e até símbolos nacionais recebem um tratamento menor na sociedade “moderna”, segundo o autor, o apego dessas pessoas é com relação à ideia do “progresso”, tal conceito move as populações mundiais fazendo-as esquecerem de certa forma, os valores culturais e sociais construídos no passado e valorizando aspectos do presente, que é considerado, por exemplo, uma sociedade que busca o progresso a qualquer custo, como símbolo de uma ideia superior de país, Estado ou pessoas.

As ditas inovações tecnológicas, as relações sociais e até do trabalho são tratados atualmente como progressos desse mundo global, o que denota totalmente uma sociedade que se apega a pequenos e rápidos prazeres.

Sobre a temática progresso, Bauman afirma que:

Esta é a questão: o "progresso" não representa qualquer qualidade da história, mas a auto confiança do presente. O sentido mais profundo, talvez único, do progresso é feito de duas crenças inter-relacionadas - de que "o tempo está do nosso lado" e de que "somos nós que fazemos acontecer" As duas crenças vivem juntas e morrem juntas - e continuarão a viver enquanto o poder de fazer com que as coisas aconteçam encontrar sua corroboração diária nos feitos das pessoas que as professam. (BAUMAN, Zygmunt, p. 152, 2001).

Para Bauman vivemos o chamado axioma do progresso, em que as próprias pessoas reveem os seus objetivos e intentos com relação aos seus comportamentos individuais e coletivos, na visão do autor, cada vez mais individual e cada vez mais passageira e móvel.

Desse entendimento percebemos uma forte crítica ao individualismo provindo do capitalismo que torna os projetos, sobretudo, individuais e tornando a coletividade algo muito esquecido e por vezes, contrário a sociedade atual.

Outrossim, a ideia de trabalho também é modificada nessa liquidez social, o trabalho desde a Escócia trazido pela ideia de benção, e de algo que aperfeiçoa o ser humano, concomitantemente o trabalho é pensado nesse século como algo individualista em que o indivíduo procura sua felicidade extemporânea e parcial por cada vez mais trabalho que ele internalize na sua vida.

Por isso, o ser humano nesse papel está cada vez menos empático e altruísta tornando os profissionais algo descartáveis dentro do mercado de trabalho, por conseguinte, as conquistas e realizações trazidas pelo trabalho são superficiais e efêmeras.

Assim, o trabalho para o filósofo confirma que:

[...] colocar o trabalho como "condição natural" dos seres humanos, e estar sem trabalho como anormalidade; denunciar o afastamento dessa condição natural como causa da pobreza e da miséria, da privação e da depravação; ordenar homens e mulheres de acordo com o suposto valor da contribuição de seu trabalho ao empreendimento da espécie como um todo; e atribuir ao trabalho o primeiro lugar entre as atividades humanas, por levar ao aperfeiçoamento moral e à elevação geral dos padrões éticos da sociedade. (BAUMAN, Zygmunt, p.156, 2001).

Uma das belas metáforas trazidas pelo autor compara a ideia de vida no mundo atual como um labirinto em que se busca caminhos fáceis e prescrições de comportamento para um suposto sucesso que viram condições imprescritíveis para a felicidade no trabalho e nas relações sociais.

Sobre essa procura pelos prazeres efêmeros e a felicidade, Luiz Felipe Pondé fala em artigo na Gazeta do Povo:

Neste caso, já vemos uma crítica interessante à boçalidade que se espalha hoje, da publicidade aos workshops de coaching para felicidade ou prosperidade. E mesmo ideias mais sofisticadas como o utilitarismo, que sustenta sua ética num cálculo de bem-estar, pode ser alvo dessa crítica. A felicidade como paradigma parece gerar “dialeticamente” uma epidemia de depressão. A natureza humana é tal que nem sendo feliz, ela é feliz. Essa volatilidade do afeto, muitas vezes, nos cansa. Eis uma das causas de corrermos para a medicação: nos curar de nós mesmos. (PONDÉ, Luiz Felipe, 2019).



Tanto Bauman como Pondé revelam a aversão a uma febre que toma conta das palestras e do consumo dos estudantes e atuais profissionais inseridos no mercado de trabalho, os cursos de “coaching”, líderes e manuais que simplificam o caminho para um possível caminho para o sucesso, que tanto Bauman como Pondé dissertam que requerem pontos que muitas vezes não são tangíveis como crises econômicas, políticas de governo, é impossível controlar o futuro do indivíduo e o “enlatamento” de um *modus operandi* como os cursos de “coaching” tornam apenas o ser humano cada vez mais frustrado e infeliz.

Outro ponto muito importante que o mundo líquido nos traz são as noções de “experiências”. Cada vez mais o ser humano “moderno” não viaja, tem uma experiência, não vai a um novo restaurante, busca uma experiência, vai a uma cidade do interior e tem uma nova experiência. Tal busca parcial conforme Bauman, é como se bebêssemos um copo de cerveja pela metade, deixássemos tudo para depois, o que ele chama de procrastinação.

Sobre as experiências:

A pessoa é medida e avaliada por sua capacidade de entreter e alegrar, satisfazendo não tanto a vocação ética do produtor e criador quanto as necessidades e desejos estéticos do consumidor, que procura sensações e coleciona experiências. (BAUMAN, Zygmunt, p. 163, 2001).

Assim, deixar as sensações sempre para um futuro, trabalhar e trabalhar para gastar esse dinheiro num futuro, é um mal sinal para Bauman, por isso:

Esse princípio está hoje vulnerável, e perdeu o escudo protetor da proibição ética. O adiamento da satisfação não é mais um sinal de virtude moral. uma provação pura e simples, uma problemática sobrecarga que sinaliza imperfeições nos arranjos sociais ou inadequação pessoal, ou nas duas ao mesmo tempo. Não uma exortação, mas uma admissão resignada e triste de um estado de coisas desagradável (mas remediável). (BAUMAN, Zygmunt, p.184, 2001).

## **FLEXIBILIDADE E O CAPITAL**

O ser humano hoje tem de ser flexível, tal flexibilidade é uma febre nas organizações de trabalho e corporações internacionais, aquela situação que tínhamos em que um trabalhador era especialista em determinadas posições não existe nesta sociedade, agora, os trabalhadores tem de ter o chamado “know- how” em diversas posições, desde a linha de montagem até o escritório.

Tal movimento torna o trabalhador cada vez mais substituível dentro desse processo, as seguranças em que tínhamos ao entrar numa empresa desde um cargo menor e ir galgando promoções e aposentar-se na mesma empresa, são raros. Hoje os trabalhadores já entram numa empresa com a noção da sua efemeridade na mesma. E já se preparam muitas vezes, para serem substituídos.

Sobre esse fenômeno, Bauman disserta:

Flexibilidade" é o slogan do dia, e quando aplicado ao mercado de trabalho augura um fim do "emprego como o conhecemos" anunciando em seu lugar o advento do trabalho por contratos de curto prazo, ou sem contratos, posições sem cobertura previdenciária, mas com cláusulas "até nova ordem" A vida de trabalho está saturada de incertezas. (BAUMAN, Zygmunt, p.170, 2001).

Essa flexibilização é levada até os relacionamentos interpessoais, os tornando cada vez mais frágeis, rápidos, rompidos ate segunda ordem. Dado o número gritante de separações, inclusive no Brasil nos últimos tempos, esse tal "amor líquido", também é levado pela sociedade consumista segundo Bauman em uma entrevista a revista ISTO É em 2009:

Amor líquido é um amor "até segundo aviso", o amor a partir do padrão dos bens de consumo: mantenha-os enquanto eles te trouxerem satisfação e os substitua por outros que prometem ainda mais satisfação. O amor com um espectro de eliminação imediata e, assim, também de ansiedade permanente, pairando acima dele. Na sua forma "líquida", o amor tenta substituir a qualidade por quantidade — mas isso nunca pode ser feito, como seus praticantes mais cedo ou mais tarde acabam percebendo. É bom lembrar que o amor não é um "objeto encontrado", mas um produto de um longo e muitas vezes difícil esforço e de boa vontade. (PRADO, Adriana, 2009).

É como se disséssemos ao casar que : - Você é minha esposa agora. Esse é o tipo de relação que predomina nessa geração, movida também pelas experiências, quanto maior o número de amores, maiores felicidades, muito embora sejam felicidades momentâneas.

Bauman opina:

Compromissos do tipo "até que a morte nos separe" se transformam em contratos do tipo "enquanto durar a satisfação", temporais e transitórios por definição, por projeto e por impacto pragmático - e assim passíveis de ruptura unilateral, sempre que um dos parceiros perceba melhores oportunidades e

maior valor fora da parceria do que em tentar salvá-la a qualquer - incalculável - custo. (BAUMAN, Zygmunt, p.170, 2001).

Assim como a questão do próprio trabalho que se tornou algo passageiro, volátil tal forma ocorreu com os relacionamentos interpessoais que se empregam como algo por vezes, unilateral, desengajado e sem regulações, esse é o fino retrato dos relacionamentos nesse século “líquido”.

Para Bauman o capital e a política estão profundamente ligados, muito pela inapetência de um e a evolução e protagonismo do outro. O Estado fraco e descredita se tornou uma espécie de corroborador do capital, dando sinais e implementando políticas que “ajudem” no fomento ao “livre mercado” e o tal enxugamento estatal e sua consequente inexequibilidade se tornam pontos fomentadores de um contexto em que as corporações capitalistas tomam conta dos destinos das nações.

Os chamados Estados nacionais estão cada vez mais em descrédito, assim as populações modernas dão mais crédito as corporações tornando-as credoras de sua maior confiabilidade e de seus projetos e sonhos, o que torna os nossos políticos e líderes resultado dessa simbiose entre política e o capital, exigindo que esses supostos comandantes sejam “amigos” desse “sistema”, deixando as portas abertas aos interesses mais ligados a esse elite burocrática, que nada tem haver, falando em Brasil com maioria da população.

No VI Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais, Amílcar Machado Filho disserta:

[...] o Estado sempre foi, desde sua criação, um agente defensor da elite. Neste sentido o Estado não foi criado para beneficiar um “todo social”, mas para gerir este “todo” em prol de uma oligarquia dominante. O que a burguesia consegue fazer com o advento das revoluções burguesas dos séculos XVII e XVIII é criar um Estado capitalista que também a beneficia enquanto grupo em ascensão. O cenário muda. Se outrora os nobres, descendentes dos antigos patrícios romanos, mandavam, agora é a vez dos grandes banqueiros e industriais. (FILHO, Amílcar Machado; VANDRESEN, Daniel Salésio, p.9, 2014).

A utilização desse termo “establishment” ou estamento burocrático é esse capital que hoje de forma rompedora governa nossas nações, embora pensemos estar votando em projetos coletivos e de alcance social, estamos votando na nossa “elitização” social.

Para Bauman, o Estado se tornou um agente que torna a população dócil, incapaz diante do chamado “mercado”, a fim de que a população tenha como princípio fundamental adentrar e sufocar-se nesse capital não como protagonista, mas como um coadjuvante que apenas decora suas falas e não tem nenhum domínio do que fala uma verdadeira marionete do capitalismo.



Consoante Zygmunt Bauman:

A política hoje se tornou um cabo-de-guerra entre a velocidade com que o capital pode se mover e as capacidades cada vez mais lentas dos poderes locais, e são as instituições locais que com mais frequência se lançam numa batalha que não podem vencer. Um governo dedicado ao bem-estar de seus cidadãos tem pouca escolha além de implorar e adular, e não pode forçar o capital a vir e, uma vez dentro, a construir arranha-céus para seus escritórios em vez de ficar em quartos de hotel alugados por dia.(BAUMAN, Zygmunt, p.174, 2001).

.Isso acaba culminando o que o filósofo Luiz Felipe Pondé chama de mercantilização dos sentidos. É nada mais que o consumo das sensações que tornam menos frustrante todo esse sistema que é realizado para os indivíduos sempre fracassarmos.

O consumo passa a ser a diversão dessa geração, consumir significa existir para esta sociedade líquida. “Se nós não somos ricos, somos lixo”, disserta Pondé, em seu livro a Filosofia do Cotidiano, assim ter poder aquisitivo para consumir torna-se um status dentro dessa comunidade capitalista.

Dado a industrialização e descartabilidade dos produtos, o consumo deles se torna muito temporal, uma bolsa que hoje está na “moda”, há alguns meses não está mais, e já se corre para comprar uma nova, essa fissura por sensações de ganhos inúteis faz com que o capital “surfe” na onda dessa comercialização dessas sensações parasitárias.

Bauman finaliza:

O capital depende, para sua competitividade, eficácia e lucratividade, dos consumidores - e seus itinerários são guiados pela presença ou ausência de consumidores ou pela chance da produção de consumidores, de gerar e depois fortalecer a demanda pelas idéias em oferta. (BAUMAN, p. 175, 2001).

Assim, todos nós viramos produto, produto dessa sociedade rasa, efêmera, esquecida e volátil, Pondé em sua Palestra no Fronteiras do Pensamento, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2011 afirma:

Não há muito o que fazer num mundo totalmente mercantilizado, em que tudo é produto. A única forma de o marketing existencial evitar essa sensação de falsidade é começar a vender o mal-estar, a coragem absoluta de entender que a vida não tem sentido.[...] O homem é, então, obrigado a buscar seu sentido na vida. Isso gera um vazio que o marketing tenta preencher vendendo significados (PONDÉ, Luiz Felipe, 2011).

A afirmação de Pondé tem toda consonância com a Bauman vivemos nesse mundo em que trocamos os valores, a história, a nossa cultura regional, pelo apego ao capital e suas reverberações líquidas que apenas tem o objetivo de nos satisfazer parcialmente e nos tornar “enlatados” dentro dessa lata de sardinha que se chama planeta Terra.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A historiografia não nos é suficiente no êxito de trabalhos futuro, mesmo que com muito esforço seja considerável no presente. As indagações ainda permeiam nas ideias como: “A história é uma marcha em direção a uma vida melhor e de mais felicidade? Se isso fosse verdade, como o saberíamos? Nós, que o dizemos, não vivemos no passado; os que viveram no passado não vivem hoje”. (Zygmunt Bauman, 2001).

Mesmo em organizações estruturadas como a de Fernand Braudel quando trata da curta, média e longa duração, as questões desse “progresso” nas indagações são de cunho duvidoso quando se alega só positividade.

Um dos elementos sobre o trabalho, sem dúvidas, é o “aumento de riqueza” (BAUMAN, Zygmunt, 2001)., ou até mesmo um componente onde dignifica o homem, que numa questão social agrega valores e deveres em conjunto, trazendo portanto, de certa forma, questões positivas como a interatividade ou o sentimento de pertencimento e contribuição social. O segmento histórico externa essa ideia, visto os impérios ou a questão da formação de países industrializados visando a valorização do trabalho industrial, o que se destaca nos tempos modernos. Que seja nas Américas ou em continentes em diferentes épocas, o trabalho sempre esteve atuando direto ou indiretamente na vida do homem visando vários fatores: Político, econômico, social. O trabalho, no entanto, não pode ser definido no sentido de um mais valorizado, ou outra sociedade menos valorizada, o que se entra em questão, é que para os devidos fins, cada sociedade desenvolve tipos de trabalho, considerando sua geografia, clima, entre outros, já que não se trata de um único território, mas importantes igualmente.

Por conseguinte, no tocante ao trabalho, ligado a sociedade, podemos destacar questões como a desigualdade econômica, a forma política onde não se alcança todos na sociedade, a forma pejorativa onde o trabalho é tratado refletido na mão-de-obra barata atingindo negativamente a qualidade de vida do ser humano, as abordagens que o conceito de trabalho nos apresenta é um leque de significados, no qual podemos associar, refletir, indagar, e externar pontos que ainda precisa melhorar, questões essas, que não são limitadas, pois é uma continuidade sem rupturas visto as modificações ao longo do tempo. “ A forma de trabalho apresentado nos estudos das

ações humanas, são essenciais para a compreensão das transformações e das permanências”. (GRINBERG, Keila, 2015).

Por isso, o livro em questão se torna tão latente nos dias desse século XXI sendo um norteador dos processos no entendimento das relações sociais, na produção acadêmica, na vida cotidiana, na economia e sobretudo na política, que se apresenta cada vez mais como um parceiro das más notícias e opressões oriundas do capital, que muito embora não seja como a água potável ou o oxigênio que sem eles a raça humana não sobreviveria, mas para muitos tem importância igual ou superior a eles.

Finalizando esta análise citamos o conselho do próprio Bauman em entrevista a Isto É em 2009, na pergunta: - Que conselho você deixaria aos jovens?. Bauman alerta: “Eu desejo que os jovens percebam razoavelmente cedo que há tanto significado na vida quando eles conseguem adicionar isso a ela através de esforço e dedicação. Que a árdua tarefa de compor uma vida não pode ser reduzida a adicionar episódios agradáveis. A vida é maior que a soma de seus momentos.” (BAUMAN, 2009).

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **A modernidade líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BRAUDEL, Fernand. **História e Ciências Sociais: a longa duração**. In: \_\_\_\_\_. Escritos sobre a História. Trad. J. Guinburg e Tereza Cristina Silveira da Mota. São Paulo: Perspectiva, 2007. p.41-78.
- FILHO, Amílcar Machado; VANDRESEN, Daniel Salésio. **O Estado e relações de poder: contribuição para debates sobre establishment no Brasil atual**. Paraná: IFPR, 2014.
- PONDÉ, Luiz Felipe. **Marketing Existencial: A Produção de Bens de Significado no Mundo Contemporâneo**. In: FRONTEIRAS DO PENSAMENTO. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2011. Disponível em: [www.fronteiras.com](http://www.fronteiras.com). Acesso em: 19 Mar. 2019.
- PELLEGRINI, Marco César et al. **Vontade de saber história**. São Paulo: FTD, 2015.
- PONDÉ, Luiz Felipe. **A ignorância veste prada**. *Gazeta do Povo*. Brasil. 04 Fev. 2019. Disponível em: [www.gazetadopovo.com.br/colunistas/luiz-felipe-ponde](http://www.gazetadopovo.com.br/colunistas/luiz-felipe-ponde). Acesso em: 19 Mar. 2019.
- PRADO, Adriana. **“Vivemos tempos líquidos. Nada é para durar”**. *Isto É*. Brasil. Caderno Entrevistas. Disponível em: [istoe.com.br](http://istoe.com.br). Acesso em: 18 Mar. 2019.
- QUEROL, Ricardo. **Morre o pensador Zygmunt Bauman, ‘pai’ da “modernidade líquida”**. *Jornal El País*. Brasil. 9 Jan. 2017. Caderno Cultura. Disponível em: [brasil.elpais.com](http://brasil.elpais.com). Acesso em: 20 mar. 2019.